



ISSN 2317-3122



GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ALIMENTAÇÃO

As Feiras Agroecológicas da Cidade de Campina Grande/Paraíba na perspectiva da Sustentabilidade e do Slow Food

The agroecological fair of the City of Campina Grande/Paraíba with a view to Sustainability and Slow Food

Lenice Silva

RESUMO

Nos últimos anos é visível o crescimento das informações referentes ao uso de grandes quantidades de defensivos agrícolas na produção de alimentos, aumentando a preocupação da sociedade na busca de uma alimentação mais saudável, diante disso destacou-se nesse trabalho as ideias do Slow Food, que tem como fundamentos alimentares a sustentabilidade, a qualidade e a valorização dos alimentos consumidos em oposição à disseminação em massa de alimentos industrializados e dos fast-food, com intuito de verificar a afinidade entre as feiras agroecológicas e essa nova filosofia alimentar o presente artigo teve como propósito realizar uma abordagem das feiras agroecológicas da cidade de Campina Grande na perspectiva Slow Food e da sustentabilidade, a partir da observação do gerenciamento de tais feiras, para tanto realizou-se um estudo de caso, de caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, fazendo-se o uso de relatos de agricultores que trabalham com a agroecologia na cidade de Campina Grande-PB, através da aplicação de questionário num período de seis meses durante o ano 2015. A partir da realização do estudo foi possível observar que apesar dos feirantes e clientes não conhecerem a filosofia Slow Food tanto clientela quanto vendedores procuraram se alinhar a forma de cultivo e alimentação saudável, com vistas a uma produção e consumo mais sustentáveis.

Palavras-chaves: Gestão. Agricultura familiar. Consumo

ABSTRACT

In recent years, there has been an increase in information on the use of large amounts of pesticides in food production, increasing society's concern for a healthier diet. In this work we highlight the ideas of Slow Food. food rationalization, sustainability, quality and valorization of food consumed as opposed to the mass dissemination of processed foods and fast food, in order to verify the affinities between agroecological fairs and this new food philosophy. an approach to the agroecological fairs of the city of Campina Grande in the perspective of Slow Food and sustainability, from the observation of the management of such fairs, for this purpose a case study was carried out, with an exploratory-descriptive character, with a qualitative approach, if the use of reports of farmers working with the agroecology in the city of Campina Grande, through a questionnaire application in a period of six months during the year 2015. As a result of the study, it was possible to observe that, despite the fact that the customers and customers did not know the Slow Food philosophy, both customers and sellers sought to align the way of cultivation and healthy food, with a view to a more sustainable production and consumption.

Key words: Management. Family farming. Consumption.

*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 25/06/2018.

¹ Especialista em Agroecologia, UEPB, E-mail: lenicesilva1807@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Falar de feira nos remete historicamente as relações comerciais mantidas entre as pessoas na troca ou venda de produtos para o consumo de bens e serviços. Desde a antiguidade até os dias atuais, é inegável que o significado desse tipo de comércio muda com o passar do tempo e a depender do espaço; entretanto é inegável que comumente as feiras se constituem em um lugar de trocas das mais diversas ordens independente do espaço geográfico que ocupe.

A feira, como “mercado de troca existia desde os tempos remotos e as primeiras cidades foram, entre outras coisas, os locais onde essa atividade estava provavelmente concentrada” (HARVEY, 1981, p. 207). É importante lembrar que as feiras são espaços econômicos e culturais marcantes no contexto da formação de várias cidades no Nordeste e dentre elas a cidade de Campina Grande na Paraíba.

Em seu processo de expansão, a Feira Livre de Campina Grande detinha uma forte imposição sobre o sistema econômico local; até 1983 todo o sistema de transportes coletivos tinha como passagem obrigatória a Feira Central, quando as linhas de ônibus funcionavam com rotas exclusivas para cada bairro. Atualmente, apesar da concorrência imposta pelos grandes estabelecimentos que aportaram em Campina Grande, nossa Feira Central ainda é hoje o espaço mais democrático de comércio a céu aberto da nossa região, além de deter, de forma generalizada, todo o mostruário da cultura nordestina. (COSTA, 2003)

Além das feiras e suas modificações no decorrer do tempo, a relação das pessoas com os alimentos também mudaram de forma substancial, em virtude de uma série de alterações ocorridas na forma de produção de gêneros alimentícios, sobretudo pela inserção de agrotóxicos na produção agrícola além de hormônios, antibióticos e outras drogas veterinárias que são usados na produção de carnes e de derivados de origem animal. Destacam-se dentre os alimentos não vegetais o frango e a carne de caprinos, vendidas nessas feiras que são de animais criados sustentavelmente nas propriedades oriundas da agricultura familiar.

Atualmente por questões de saúde parcelas da população têm buscado cada vez mais consumir gêneros alimentícios ditos saudáveis, para atender esse mercado pessoas que vivem da agricultura familiar nas adjacências da cidade de Campina Grande resolveram criar feiras agroecológicas para vender seus produtos.

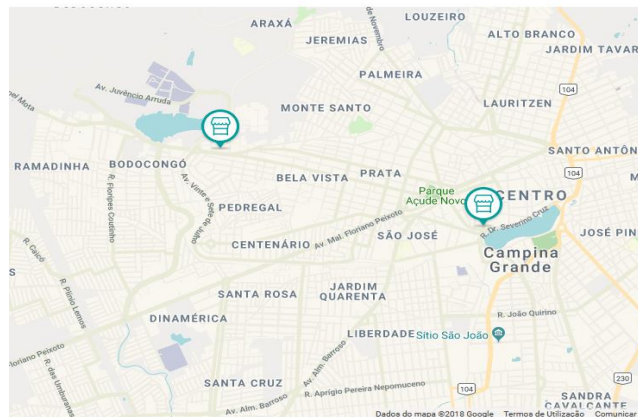
Sob a bandeira da agricultura sem agrotóxico, pequenos produtores se uniram e hoje administram a feira agroecológica que atrai uma clientela peculiar, assim o objetivo principal desse trabalho foi realizar uma abordagem da gestão da feira agroecológica da cidade de Campina Grande na perspectiva Slow Food e da sustentabilidade.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada nas Feiras Livres Agroecológicas existentes no Município de Campina Grande que está localizada no agreste paraibano, distante 120 km de João Pessoa, capital do estado da Paraíba. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE, 2010), o município possui uma população de 385.213 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da Paraíba, depois da capital, e densidade demográfica de 594,18 hab/km². As feiras são realizadas na Rua Miguel Couto, s/n - São José na Estação Velha e na Rua Aprígio Veloso, 882 – Bodocongó dentro do campus da UFCG, Campina Grande – PB.

Figura 1 – Localização das Feiras Livres Agroecológicas no Município de Campina Grande/PB.



Fonte: <https://feirasorganicas.org.br/> (2017)

Foi realizado um estudo de caso, de caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, que fez uso da observação e dos relatos de agricultores que trabalham com a agroecologia na cidade de Campina Grande, coletados por meio de 240 questionários aplicados in loco durante seis meses do ano de 2015. Os principais itens abordados no questionário aplicado aos comerciantes foram referentes ao perfil do produtor, dados sobre a sua propriedade, práticas agrícolas adotadas na propriedade e produtos comercializados.

A coleta dos dados primários, para discussão e análise, foi feita através de visitas in loco nas feiras agroecológicas, utilizando a observação participante, conversas informais, realização de entrevistas com um roteiro semiestruturado; com consumidores/produtores familiares participantes das feiras agroecológicas da cidade. As entrevistas constituíram-se numa técnica onde o entrevistador se apresentava frente ao entrevistado e lhe formulava perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessavam à pesquisa, sendo uma técnica eficiente para obtenção dos dados e informações acerca do que as pessoas sabem e

desejam acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. Através da observação participante buscou-se uma aproximação do pesquisador com o escopo espacial às feiras agroecológicas e os sujeitos sociais produtores e consumidores, com suas visões de mundo e discursos sobre o fenômeno estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Lima (2012) as feiras agroecológicas na Paraíba tiveram origem no início da década de 2000, partir dos anseios da população camponesa em busca de um projeto de diferenciado, capaz de atender as necessidades das famílias e possibilitar uma vida digna as futuras gerações e na construção da soberania alimentar. Estas

feiras foram articuladas através de grupos camponeses, com o apoio de entidades como a Comissão Pastoral da Terra e de instituições como a AS-PTA, UFPB e UEPB.

Figuras 2– Feiras agroecológica em Campina Grande-PB.



Fonte: a autora.

Essas feiras também surgiram a partir da perspectiva da sustentabilidade e do não uso de defensivos no cultivo dos produtos. De acordo com Giordano (2005) as atividades agrícolas são reconhecidamente causadoras de problemas ao meio ambiente. Devido a isso são bem vindas ações que busquem a produção agrícola sustentável, pois a sustentabilidade é necessária para minimizar os problemas ambientais, sociais e econômicos. Nesse ponto é bom aclarar que existe uma distinção entre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, pois são conceitos diferentes. “O desenvolvimento sustentável, significa atender às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades” (COMUM, 1991). Enquanto sustentabilidade significa a possibilidade de se obterem continuamente condições iguais ou superiores de vida para um grupo de pessoas e seus sucessores em dado ecossistema (CAVALCANTI, 2003, p.161).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a sustentabilidade abrange: A conservação do solo, da água e dos recursos genéticos animais e vegetais, além de não degradar o ambiente, além de ser tecnicamente apropriado, economicamente viável e socialmente aceito (GIORDANO, 2005).

Além de promover à sustentabilidade as feiras agroecológicas trazem em si o intuito de fomentar e oxigenar a agricultura familiar, de modo que nas feiras os agricultores têm a oportunidade de vender seus produtos sem os atravessadores e podem trocar experiências com os demais e essa interação é benéfica tanto para eles quanto para toda a sociedade que tem como alternativa alimentar essas feiras onde há uma variedade de produtos que vão desde hortaliças e frutas até alimentos preparados, como: queijos, doces, refeições cozidas e salgados, nesse comércio não é permitido a venda de carnes cruas.

Esses benéficos trazidos pelas feiras a toda sociedade foram fomentados por movimentos que apoiam a alimentação saudável a exemplo do chamado Slow Food ou em comida lenta, esse termo vem a partir da ideia de uma alimentação saudável fundada por Carlo Petrini italiano que após um protesto em Roma devido à abertura de um estabelecimento de comida rápida ou fast food ganhou adeptos em todo mundo. O Slow Food é um movimento que defende além de uma vida saudável, com

uma alimentação saborosa que não prejudique o ambiente e que seja produzida de forma sustentável, defende a herança culinária local, bem como as tradições dos povos que preparam e degustam os alimentos, é um movimento inserido no que podemos chamar de ecogastronomia, reconhecendo conexões entre o alimento e o planeta.

Mais do que uma tendência ou modo de se alimentar o Slow Food é visto como um movimento social, como descreve Oliveira (2014) sendo um movimento é visto como mais do que um movimento social ou uma nova ideologia alimentar, o Slow Food pode ser entendido como uma proposta de um novo estilo de vida que questiona o processo de racionalização e padronização alimentar que busca a produtividade a qualquer custo, principalmente quando ela resulta na perda das tradições culinárias, da naturalidade e do sabor do alimento. Assim, O Slow Food nasce voltado, principalmente, para a valorização do prazer hedonista da alimentação, que tinha ficado em segundo plano ou não existia nos tradicionais movimentos sociais de críticas ao sistema agroalimentar. Por outro lado, o próprio Slow Food que, em sua origem, concentrava sua atenção no prazer alimentar, estaria se aproximando dos “velhos” movimentos ao incluir as dimensões do “limpo” e do “justo” na tradicional dimensão do “bom”.

Na tendência que apoia a alimentação saudável O governo brasileiro, através do Ministério da Saúde, apresentou em 2014 a segunda edição do Guia Alimentar para a população brasileira, o Guia menciona diversas vezes a importância da agricultura familiar na produção de alimentos.

Recentemente, na maior parte do mundo, as formas de produzir e distribuir alimentos vem se modificando de forma desfavorável para a distribuição social das riquezas, assim como para a autonomia dos agricultores, a geração de oportunidades de trabalho e renda, a proteção dos recursos naturais e da biodiversidade e a produção de alimentos seguros e saudáveis. Estão perdendo força sistemas alimentares centrados na agricultura familiar, em técnicas tradicionais e eficazes de cultivo e manejo do solo, no uso intencional de mão de obra, no cultivo consorciado de vários alimentos combinado à criação de animais, no processamento mínimo dos alimentos realizado pelos próprios agricultores ou por indústrias locais e em uma rede de distribuição de grande

capilaridade integrada por mercados, feiras e pequenos comerciantes. No lugar, surgem sistemas alimentares que operam baseados em monoculturas que fornecem matérias-primas para a produção de alimentos ultraprocessados ou para rações usadas na criação intensiva de animais. (BRASIL,2014)

A agricultura familiar se destaca no guia como referência, devido a produção de alimentos naturais e minimamente processados, em lugar de usar alimentos oferecidos pelas grandes indústrias alimentícias o ministério da saúde recomenda a diversificação alimentar e valorização da produção agroecológica. Isso remete nos remete a constatação de que a agricultura familiar está alinhada as necessidades mais recentes de consumo de alimentos.

Durante as visitas realizadas às feiras, foi possível constatar uma relação de colaboração e confiança entre os agricultores integrantes do mercado de produtos agroecológicos. Os agricultores e suas famílias se reúnem em uma verdadeira associação para divulgar e manter as feiras na cidade de Campina Grande tendo dia local e hora para a realização, assim como espaços predeterminados para os vendedores.

Os participantes são pequenos agricultores advindos de movimentos de reforma agrária, que encontram nesta atividade, um espaço não apenas para a comercialização dos produtos, mas também um ambiente de solidariedade econômica e cultural. Isto porque na comercialização dos produtos agroecológicos o valor agregado não se relaciona apenas a mercadoria e ganhos financeiros, mas também à mudança de valores pessoais e morais como amizade, laços de famílias e até mesmo relação de respeito com a alimentação.

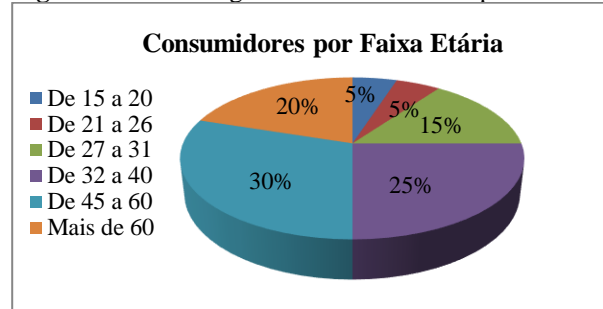
Embora a maior parte dos assentados que comercializam seus produtos em feiras agroecológicas tenham na atividade a principal fonte de renda, e a maioria afirma está satisfeita com a atividade, ressaltando, que os produtos têm satisfatória aceitação pelo mercado consumidor, assim como os preços estabelecidos.

Segundo HINTERHOLZ e RIBEIRO (2011), as feiras agroecológicas são parte das ações de economia solidária existentes na região, com a finalidade de oferecer aos moradores urbanos produtos saudáveis, “in natura”, promovendo a transformação social através do comércio justo e do consumo consciente. De forma geral, quando perguntados a respeito dos consumidores eles responderam que os compradores têm em média entre 25 a 60 anos e que a maioria deles são do sexo feminino, ao serem indagados sobre o perfil dos consumidores, os feirantes afirmaram que no dia em que a feira é realizada na UFCG o perfil é composto em sua maioria por estudantes, professores e funcionários da instituição, quando a feira é realizada na estação, os compradores são os residentes próximos e alunos de academias que circundam a feira. Indagados a respeito do consumo nos últimos anos de produtos da feira a maior parte deles respondeu que ocorreu um crescimento na venda até ano de 2015.

Na Figura 3, os consumidos que frequentam as Feiras de Agroecologia de Campina Grande, temos 75% dos entrevistados acima de 31 anos. Com essa informação podemos dizer que a maioria dos frequentadores é mais maduros, mais vividos. Desses 75%, 30% dos consumidores são da faixa etária de 45 a 60 anos, pois como

funciona a feira dentre de uma universidade, a maioria das pessoas desse faixa, são funcionários e professores que fazem suas compras saudáveis para levarem para suas residências. E também pela proximidade das feiras a maioria dos consumidores residentes próximos, contribui também com a faixa com maiores idades. Da faixa etária de 21 a 26 e 27 a 31 anos , com 5% e 15%, foram a maioria de consumidores que frequentam a Universidade e as academias próximas.

Figura 3 – Porcentagem dos consumidores por faixa etária

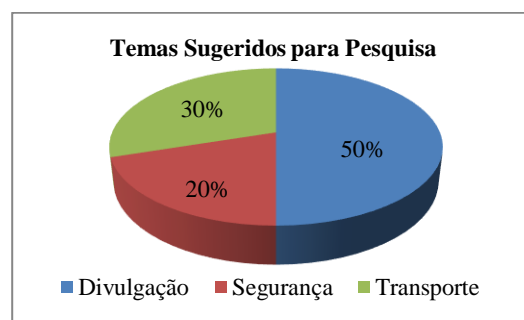


Quando questionados sobre o termo Slow Food, 98% dos consumidores responderam desconhecer o termo, entretanto a maioria deles estão familiarizados com a filosofia da alimentação saudável e da sustentabilidade na agricultura. Informado do que seria Slow Food e questionados a respeito das vendas dos produtos sofreram influencia de ideias parecidas, 70% responderam que sim e de forma positiva.

Dentre as dificuldades enfrentadas pelos produtores/comerciantes das feiras agroecológicas, está à escassez hídrica ocorrida desde 2012 impossibilitando a maior diversidade de produtos disponibilizados.

Na Figura 2, umas das perguntas realizadas foram sobre os temas sugeridos e 50% dos entrevistados sugeriram sobre divulgação, tanto da Feira, como da agroecologia, divulgando a filosofia da alimentação saudável e da sustentabilidade da agricultura e mais divulgação sobre a relação dos dias e locais da realização da feira. Dos entrevistados, 30% gostariam de saber do transporte da mercadoria da área de produção até o local de comercialização, e com relação ao outro tema foram 20% dos entrevistados que gostariam de saber sobre a segurança, tanto da feira, em especial nos dias que é realizada na Estação Velha e como também da segurança higiênica dos produtos levados.

Figura 4 – Temas Sugeridos para pesquisa.



As dificuldades se dão, sobretudo em virtude de uma tímida gestão na articulação dos espaços de venda e de divulgação dessas feiras, no entanto é possível notar que

existe uma articulação dos vendedores no intuito de gerenciar as vendas nesse mercado orgânico, quando criam critérios para venda de produtos, quando buscam cultivar os alimentos sem aditivos químicos e, sobretudo quando discutem possíveis irregularidades na venda de produtos fora dos padrões agroecológicos.

Também é possível observar iniciativas em divulgar a feira, via rádio e tvs locais como forma de atrair novos clientes, podemos citar a criação integração desses eventos ocorridos na cidade de Campina Grande no site: feirasorganicas.org.br ferramenta de busca cujo com objetivo de estimular a alimentação saudável.

CONCLUSÕES

Nas feiras agroecológicas na cidade de Campina Grande-PB, toda produção é oriundo da agricultura familiar que se destaca no guia como referência, devido a produção de alimentos naturais e minimamente processados, em lugar de usar alimentos oferecidos pelas grandes indústrias, essas feiras que estão mais afinadas com o que hoje entendemos por alimentação saudável, na cidade de Campina Grande são os espaços populares que vendem alimentos cuja forma de produção estão mais coadunadas com o que conhecemos por Slow Food.

Apesar dos feirantes e clientes não conhecerem a filosofia Slow Food tanto clientela quanto vendedores procuram se alinhar a forma de cultivo e alimentação saudável, com vistas a uma produção sustentável daquilo que produzem.

Quando perguntados sobre o termo Slow Food, 98% responderam desconhecer o termo, entretanto a maioria deles está familiarizado com a filosofia da alimentação saudável e da sustentabilidade na agricultura. Informado do que seria Slow Food e questionados a respeito se as vendas dos produtos sofriam influência de ideias parecidas, responderam que sim e de forma positiva.

Também vale destacar que um dos maiores atrativos das feiras estudadas é a disponibilidade de alimentos frescos e de aparente melhor qualidade daquelas vendidas em supermercados, parte da clientela também frequenta a feira por acreditar que os produtos lá vendidos são mais saudáveis do que os produtos vendidos em feiras convencionais, também nos últimos anos o apelo por uma alimentação mais saudável fez crescer o movimento nas feiras agroecológicas da cidade o que incrementou a renda dos produtores oriundas da agricultura familiar. Por fim constatou-se a necessidade de melhor informação dos vendedores com relação à filosofia Slow Food, mas de forma intuitiva muitos dos vendedores gerenciam seu negócio e trabalham na perspectiva da alimentação saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira / Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

CAVALCANTI, C. Sustentabilidade da economia: paradigmas alternativos de realização econômica. In: _____ (org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 153-176

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1988, 430p

COMUM, **Nosso Futuro. Comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

COSTA, A. A. de. **"Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a Feira de Campina Grande na Interface desse Projeto"**. UFPE. Recife-2003.

GIORDANO, S. R. *Gestão Ambiental no Sistema Agroindustrial*. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

HARVEY, D.. *O urbanismo e a cidade: um ensaio interpretativo*. In: _____. *A justiça social e a cidade*. Prefácio e tradução Armando Corrêa da Silva. São Paulo: HUCITEC, 1981. p. 167-243.

HINTERHOLZ, B.; RIBEIRO, V. de M.. *Feira Agroecológica: Uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar orgânica no município de Medianeira – PR: O Caso da AAFEMED. Synergismus scyentifica UTFPR, Pato Branco, 06 (1). 2011.*

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades Brasileiras**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoa-nova/panorama>>. Acesso em 03 de Jan de 2017.

LIMA, A. B. de. *Questão agrária, recriação camponesa e segurança alimentar no Estado da Paraíba*. In: In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: Territórios em disputa, os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. **Anais...** Minas Gerais: Uberlândia, 21 a 25 de Outubro de 2012. (p. 1-19).

OLIVEIRA, D. C. de. **Comida, carisma e prazer: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://r1.ufrrj.br/cpda/wp-content/uploads/2014/10/Tese-Daniel-VERS%C3%83O-FINAL-1.pdf>> Acesso em: 05 de Jan de 2017.